

Paula do Nascimento Marques

**LITERATURA AMERÍNDIA QUEBEQUENSE E CATARINENSE: TERRITÓRIOS  
FLUÍDOS, VOZES PLURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso Submetido(a) ao  
Departamento de Letras Francês de Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção de Grau de Bacharel em  
Letras Francês.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Rassier.

Florianópolis  
2020

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido realizado sem o suporte de várias pessoas. Desejo agradecer primeiramente à minha orientadora Luciana Rassier, por abraçar a minha vontade de fazer o TCC sobre a literatura ameríndia do Brasil e do Quebec. Este trabalho existe, em grande parte, graças a qualidade de suas pesquisas, sua abertura de espírito, e também sua experiência e rigor como orientadora. Desejo agradecer também a Walderes Coctá Pripra, aluna da licenciatura indígena e hoje mestranda na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde o primeiro encontro, ela me acompanhou e deu suporte para realizar meus trabalhos acadêmicos feitos junto à população da Terra Indígena Laklãnõ-Xokleng. Da mesma forma, agradeço a todos da Terra Indígena Laklãnõ-Xokleng e em especial a escola Vanhecú Patté por abrirem suas portas para visitas. Ao Senhor Adão Nunc-Nfoônro de Almeida e Senhora Miriam Pripra, pais de Walderes, por abrirem suas portas e me fazer sentir em casa juntamente com seus filhos, netos e amigos. E agradeço pessoalmente, ao Senhor João Adão, por despertar em mim o interesse pela literatura ameríndia contemporânea, quando me apresentou sua obra, contou suas histórias e leu seus poemas, enquanto tomávamos um chá mate, após o jantar, sentados em volta da mesa da cozinha de sua casa. Agradeço a todos os meus professores e aos colegas do curso de Letras e Literatura francesas, pelas tantas trocas e vivências, que certamente estão intertextualizadas neste trabalho. À Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de estar num lugar de produção de conhecimento e também de resistência às ideias fixas e contrárias à educação gratuita e para todos. A universidade foi e continua sendo elementar para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Sou profundamente grata aos meus pais, irmãos, sobrinhos, familiares e aos amigos do Brasil, da Bélgica, da França, do Canadá e de outros lugares do mundo, que seja direta ou indiretamente, foram essenciais para a conclusão deste curso. Por fim, agradeço ao meu companheiro, Simon-Pierre Gilson, pelo imenso auxílio em relação a língua, a literatura e a cultura francófonas. Sempre vou me lembrar da leitura da obra completa de *Phèdre*, de Jean Racine, feita em voz alta e teatral na cozinha de casa. Também, sou grata por me ensinar e me incluir em suas experiências enquanto pesquisador, além do seu amor e parceria.

*No meio da roda o fogo, irmão de outras eras.  
Libera faíscas, irmãs das estrelas.  
Soprando suavemente, o vento, o irmão-memória,  
Vem trazendo as histórias de outros lugares.  
Sob nossos pés está a mãe de todos nós,  
A terra, acolhedora. Sempre pronta, sempre mãe,  
Sempre a nos lembrar que somos fios na teia.*  
(Munduruku, 2006)

## RESUMO

O presente trabalho, no campo da literatura comparada, tem por objeto a literatura ameríndia contemporânea escrita em língua francesa do Quebec e em língua portuguesa do Brasil. O trabalho divide-se em duas partes. Na primeira parte, visa-se, primeiramente, compreender as especificidades dos conceitos de território e de convívio entre as culturas autóctones e alóctones das Américas. Para tanto, a discussão fundamenta-se na abordagem pela antropóloga Gallois (2004), sobre territorialidades. Essa abordagem complementa o conceito transculturalismo canadense, a partir do qual Brunelière e Rassier (2017; 2018) evocam alternativas para se repensar as relações de convívio entre diversas culturas em territórios nacionais a partir da perspectiva ameríndia. A seguir, reflete-se o lugar dado à escrita e ao discurso dos Ameríndios e também sobre a literatura de autoria ameríndia escrita em línguas oficiais nacionais (BOUDREAU, 1993). Na segunda parte, analisa-se os textos literários de autoria ameríndia selecionados: de um lado, dois contos escritos em língua francesa do Quebec: “La Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler”, de Christine Sioui Wawanoloath e “Le départ”, de Robert Boucher, presentes na antologia **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**, organizada por Maurizio Gatti (2009); de outro lado, dois poemas em língua portuguesa, “O Passado” e “Amargura, tristeza e saudade”, presentes na coletânea **Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo, filhos do sol** (2017) do autor ameríndio e catarinense João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida.

**Palavras-chave:** Literatura comparada. Literatura ameríndia contemporânea. Estudos canadenses. Transculturalismo.

## RÉSUMÉ

Le présent travail, dans le domaine de la littérature comparée, a pour objet la littérature amérindienne contemporaine écrite en langue française du Québec et en langue portugaise du Brésil. Le travail est divisé en deux parties. Dans la première partie, il s'agit, tout d'abord, de comprendre les spécificités des concepts de territoire et de vivre ensemble des cultures autochtones et allochtones des Amériques. Pour ce faire, on part de l'approche de l'anthropologue Gallois (2004), sur les territorialités pour ensuite aborder le concept canadien de transculturalisme, à partir duquel Brunelière et Rassier (2017 ; 2018) évoquent des alternatives pour repenser les relations de vivre ensemble entre différentes cultures dans les territoires nationaux du point de vue amérindien. Ensuite, l'accent est mis sur la place accordée à l'écriture et à la parole des amérindiens ainsi qu'à la littérature d'auteurs amérindiens écrite dans les langues nationales officielles (BOUDREAU, 1993). Dans la deuxième partie, les textes littéraires d'auteurs amérindiens qui composent le corpus sont analysés : d'une part, deux contes écrits en langue française du Québec : "La Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler", de Christine Sioui Wawanoloath et "Le départ", de Robert Boucher, extraits du recueil **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**, organisé par Maurizio Gatti (2009) ; d'autre part, deux poèmes en portugais du Brésil : "O Passado" e "Amargura, tristeza e saudade", extraits du recueil **Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo, filhos do sol** (2017), de l'auteur amérindien né dans l'état de Santa Catarina, João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida.

**Mots-clés:** Littérature comparée. Littérature amérindienne contemporaine. Études canadiennes. Transculturalisme.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Ilustração intitulada: *8zidakwaso*, que significa “Éco” em Huron-Wendat. Œuvre de Christine Sioui Wawanoloath, 2011..... 26
- Figura 2** - Acrílico e colagem sobre papelão, 8 x 12". Intitulada: **Amerikas**. Christine Sioui Wawanoloath, 2004..... 26
- Figura 3** - Tinta e lápis sobre papelão, 11 x 17". Intitulada **Hommage sur des perles de maïs**. Christine Sioui Wawanoloath, 2000..... 26

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TIs - Terras Indígenas

TI Laklãnõ – Terra indígena Laklãnõ

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p.08</b>
<b>1. TERRITÓRIOS E LITERATURAS AMERÍNDIAS.....</b>	<b>p.11</b>
1.1. <i>A fluidez do território ameríndio e o transculturalismo canadense .....</i>	<i>p. 11</i>
1.2. <i>A escrita literária de autores ameríndios .....</i>	<i>p.12</i>
<b>2. VOZES E ABORDAGENS PLURAIS DE AUTORES AMERÍNDIOS .....</b>	<b>p.15</b>
2.1. <i>A antologia <b>Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française</b>...</i>	<i>p.15</i>
2.1.1. <i>O conto “Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler”, de Christine Sioui Wawanoloath .....</i>	<i>p.15</i>
2.1.2. <i>O conto “Le départ”, de Robert Boucher.....</i>	<i>p.22</i>
2.2. <i>A coletânea <b>Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo filhos do sol</b>, .....</i>	<i>p.24</i>
2.2.1. <i>Os poemas “O passado” e “Amargura, tristeza e saudade” de João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida.....</i>	<i>p.25</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>p.29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>p.33</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>p.36</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema de trabalho de pesquisa começou com uma primeira visita à escola Vanheçú Patté, na Terra Indígena Laklãnõ, situada no município de José Boiteux, Estado de Santa Catarina. Fui com mais três colegas para fazer um trabalho acadêmico, cujo tema era ensino de línguas em escolas indígenas. Para isso, fomos acompanhados por nossa anfitriã Walderes Cocta Pripá, formada em Licenciatura indígena e hoje mestranda em história na UFSC. Fomos acolhidos na casa de seus pais, Miriam Vaicá Pripá e João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida. Nas conversas, durante as refeições que nos ofereceram generosamente, João Adão nos mostrou seu livro recém-publicado **Vivências e sentimentos do povo Laklãnõ /Xokleng: o povo filho do sol** (2017), contou sua história e leu alguns de seus poemas. Desde então, veio-me a vontade de aprofundar meus conhecimentos sobre literaturas de autoria indígena das Américas<sup>1</sup>. Não somente investigar os elementos presentes na literatura ameríndia contemporânea, mas também entender como a noção ameríndia de autoria e território pode ser relacionada aos aspectos transculturais na literatura contemporânea de autoria ameríndia (RASSIER; BRUNELIÈRE, 2017).

No período de agosto a dezembro de 2018, tive a oportunidade e fazer um intercâmbio na *Université de Montréal*, na cidade de Montreal, província Quebec, Canadá cuja língua oficial é francesa. Durante esse período pude participar como ouvinte da atividade de um dia, organizada pelo professor Ian Segers da *Université du Québec à Chicoutimi*, em Saguenay, no âmbito da disciplina *L'humain et la nature*, do programa de estudos superiores em *éco-conseil*. Essa atividade foi uma colaboração entre *Université du Québec à Chicoutimi*, a *Université de Montréal* e a comunidade indígena *Innue* de Masteuhiatsh. Houve uma conferência sobre a presença de longa duração dos povos autóctones no território posteriormente canadense, através de registros arqueológicos e a relação destes últimos com a organização do território, em

---

<sup>1</sup> No presente trabalho, as palavras “indígena”, “ameríndio”, “autóctone” e também, porém com menor frequência, os termos “nativo” e “índio”, estão sendo utilizados como sinônimos. Embora seja recomendável a opção pela aplicação de apenas um dos termos no sentido de unificar a terminologia exposta, os pesquisadores e teóricos abordados escolheram trabalhar com uma pluralidade de designações para o conceito de “ameríndio”, termo mais central deste trabalho que visa realizar o estudo comparativo de textos literários escritos por autores indígenas das Américas. Para realizar uma análise do corpus selecionado preferimos manter essa pluralidade terminológica, já que as publicações consultadas são multidisciplinares e têm diversas origens epistemológicas e linguísticas. De modo resumido, o uso dos termos “indígena” é comum no Brasil; “autóctones”, é mais frequente em publicações inglesas e norte-americanas (no Canadá esse termo abrange três diferentes grupos: Ameríndios ou *Premières Nations*, *Métis* e *Inuits*); “aborígenes”, pelos anglo-saxônicos que estudaram os nativos da Oceania. Na América Latina vem se fortalecendo a política e o direito de chamar os indígenas de Povos Originários e no Canadá de Primeiras Nações, ambos os casos no sentido de enfatizar a presença de outras etnias no continente antes da chegada dos europeus. De outro modo, as designações relativas aos grupos ameríndios serão a primeira escolha quando possível, como por exemplo: os *Laklãnõ* (ou *Laklãnõ-Xokleng*), os *Guarani*, os *Kaingang*, do Estado de Santa Catarina e os *Wendat*, os *Abénaki*, os *Atikemak*, entre outros do Quebec.

particular no âmbito dos parques nacionais. Em seguida, houve uma atividade intitulada *Exercice de la Couverture*, uma sensibilização dos cidadãos à experiência histórica de desapropriação vivida pelos povos autóctones do Canadá e suas consequências nos dias de hoje.

Chegado momento de definir o objeto de estudo deste TCC, logo na primeira reunião com minha orientadora Profa Dra Luciana W. Rassier, definimos que se trataria de um estudo comparado, entre João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida e Quebec. Na sequência de TCCs cujas temáticas estão relacionadas ao estudo da americanidade desenvolvido pelas atividades do Núcleo de Estudos Canadenses (NEC-UFSC), (a) **Littérature amérindienne du Québec: une lecture de “L’ancêtre du Caribou” d’Armand McKenzie** de Maria Cristina Neves Córdova (2014), (b) **La littérature comme outil d’affirmation de l’identité amérindienne: renversements de perspectives dans *Le Racisme est nouveau en Amérique* de Georges Suoui** (2002) de Jean-François Mathieu Brunelière (2016) e (c) **Identidade indígena e paratextos em *Meu Querido Canibal* de Antônio Torres na tradução de Dominique Stoenesco**, de Monique Pinheiro do Santos (2017).

Em seguida, minha orientadora me apresentou a obra **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**, uma antologia de textos literários de autoria Ameríndia escritos em francês do Quebec, organizado por Maurizio Gatti, da qual foi composto o corpus nesta pesquisa.

O objetivo do trabalho é em um primeiro momento, compreender as especificidades dos conceitos de território e de convívio entre as culturas autóctones e alóctones das Américas. Para tanto, a discussão fundamenta-se na abordagem pela antropóloga Gallois (2004), sobre territorialidades. Essa abordagem complementa o conceito transculturalismo canadense, a partir do qual Brunelière e Rassier (2017; 2018) evocam alternativas para se repensar as relações de convívio entre diversas culturas em territórios nacionais a partir da perspectiva ameríndia. A seguir, reflete-se o lugar dado à escrita e ao discurso dos Ameríndios e também sobre a literatura de autoria ameríndia escrita em línguas oficiais nacionais (BOUDREAU, 1993). No segundo momento, visa-se analisar os quatro textos que constituem o corpus do trabalho, buscando-se compreender suas especificidades. Os textos literários de autoria ameríndia selecionados são: dois contos escritos em língua francesa do Quebec: de um lado, dois em língua francesa, “La Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler”, de Christine Sioui Wawanoloath e “Le départ”, de Robert Boucher, presentes na antologia **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**, organizada por Maurizio Gatti (2009); de outro lado, dois poemas em língua portuguesa: “O Passado” e “Amargura, tristeza e saudade”, presentes na coletânea **Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo, filhos do sol** (2017) do autor ameríndio e catarinense João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida.

## 1.TERRITÓRIOS E LITERATURAS AMERÍNDIAS

### 1.1. A FLUIDEZ DO TERRITÓRIO AMERÍNDIO E O TRANSCULTURALISMO CANADENSE

Desde a chegada dos europeus, as demarcações territoriais em vista da construção dos espaços nacionais do continente americano e do processo de urbanização das Américas engendraram o isolamento dos povos originários e também seus deslocamentos para territórios limitados (GODET, 2015, p.121). Observa-se desde então que há uma busca pela retomada de territórios simbólicos (BOURGUIGNON, 2011, p.17), uma noção de território que difere da concepção representada em mapas com suas divisões administrativas, ou seja, porções do espaço terrestre identificadas pela posse. Como o explicita Claude Bourguignon (2011), no contexto de colonização do território canadense:

Os Índios tinham uma noção fluida das fronteiras, e um mesmo território podia corresponder a múltiplas soberanias. Com a colonização, o espaço será repensado em categorias exclusivas, e o princípio de exclusão não funcionará somente para diferenciar as soberanias, mas também as zonas culturais: a distinção terras altas / terras baixas, que será abundantemente retomada a partir da Independência, terras que pertencem a Colônia<sup>2</sup>. (BOURGUIGNON, 2011, p. 278, tradução nossa.)

Da mesma forma, no contexto do Brasil, a partir de uma compreensão antropológica de territorialidade indígena, Gallois (2004, p. 37) demonstra que as noções de terra e de território para os grupos indígenas, mesmo que extremamente variáveis, não equivalem à concepção jurídica de Terra Indígena regida pelo Estado, tampouco à ideia de território com seus limites definidos:

O contato coloca um grupo indígena diante de lógicas espaciais diferentes da sua e que passam a ser expressas também em termos territoriais. As diversas formas de regulamentar a questão territorial indígena pelos Estados Nacionais não podem ser vistas apenas do ângulo do reconhecimento do direito à “terra”, mas como tentativa de solução desse confronto. (GALLOIS, 2004, p. 41)

Em geral, a noção de território na cultura ocidental remete a relações de poder centralizado que criam fronteiras não somente físicas, demarcando os espaços geográficos, como também fronteiras entre os diversos grupos sociais. Por outro lado, na perspectiva ameríndia, há a ocupação de um espaço sem limites fechados em que a relação de alteridade remete à própria percepção do indivíduo como parte de um todo.

---

<sup>2</sup> Texto original em francês: *Les Indiens avaient une notion fluide des frontières, et un même territoire pouvait correspondre à des souverainetés multiples. Avec la colonisation, l'espace sera repensé en catégories exclusives, et le principe d'exclusion ne fonctionnera pas seulement pour différencier les souverainetés, mais aussi les zones culturelles : la distinction terres hautes / terres basses, qui sera abondamment reprise à partir de l'Indépendance, appartient à la Colonia.* (BOURGUIGNON, 2011, p. 278)

Rassier e Brunelière (2017) estudam autores autóctones canadenses que propõem uma mudança de paradigmas baseados no eurocentrismo. George Sioui, historiador e filósofo autóctone, da população Huron-Wendat, no Quebec, levanta a questão sobre as origens do racismo no Canadá e propõe em *Le racime est nouveau en Amérique (2002)* uma possível solução através do conceito de “américanisation” (americanização). Os autores observam que soluções propostas por autores autóctones canadenses podem ser de grande valia para se pensar sobre outros grupos em outros países:

E certamente não é uma coincidência que soluções para nosso mundo cada vez mais globalizado surjam precisamente em um país cuja constituição destaca o multiculturalismo e no qual as visões de mundo dos povos autóctones coexistem com aquelas trazidas por fluxos de migrantes que aconteceram em diferentes épocas (RASSIER e BRUNELIÈRE, 2017, p. 18).

Em sua reflexão teórica, Rassier e Brunelière esclarecem que o multiculturalismo canadense consiste em fundar uma identidade comunitária partindo da pluralidade étnica. Contudo, o multiculturalismo canadense e o interculturalismo quebequense são ainda de caráter dualista, pois se fundamentam na proteção dos indivíduos pertencentes aos grupos minoritários numa continuidade hegemônica. Já a proposta do transculturalismo propõe mudança contínua, na qual a relação de alteridade entre si e o outro é a base da cultura.

Nessa perspectiva, a noção dos ameríndios de território vem somar à reflexão sobre o transculturalismo, pois ambos propõem repensar a relação de convívio entre diversas culturas ou grupos nacionais a partir de relações de alteridade mais fluidas e em constante negociação.

## 1.2. A ESCRITA LITERÁRIA DE AUTORES AMERÍNDIOS

Há, no mundo globalizado em que vivemos, a necessidade de discutir as configurações de contatos culturais entre diversas origens e também as tendências históricas de reprodução de paradigmas dualistas centralizados em culturas dominantes (BRUNELIÈRE; RASSIER, 2018, p.15). Sabe-se que, desde os primeiros contatos com os europeus, as vozes dos diversos povos originários das Américas estiveram ausentes da historiografia. Além disso, a imagem que os mostra como selvagens, exóticos e canibais os isolou no passado, tornando-os invisíveis (GODET, 2015, p.139).

A escrita literária de autoria ameríndia do Canadá e do Brasil torna-se visível a partir da segunda metade do século XX. Desde então, essa produção literária, emergente e cada vez mais diversa, revela-se como um lugar de enunciação a partir do qual se pode repensar, não somente a condição dos Ameríndios, mas também da humanidade como um todo (VIEIRA; WALTER, 2014, p.71). Sabemos que, apesar de terem sido silenciados pela historiografia oficial, os indígenas das Américas são protagonistas de suas próprias histórias, tradicionalmente transmitidas de forma oral. Essas tradições se encontram principalmente na memória coletiva (VIEIRA; WALTER, 2014, p. 66), cuja produção literária contemporânea de autores ameríndios torna visíveis tanto a condição atual dos indígenas das Américas quanto suas tradições.

Em respeito à escrita ameríndia, é importante avultar que o ato de escrever é um comportamento comunicativo humano e não apenas concebida em forma alfabética. Assim como afirma Lynn Mario T. Menezes de Souza (2006, p.1), “é uma interação na qual, com o uso das mãos, com ou sem instrumento, realiza-se traços em uma superfície qualquer”. Essas formas gráficas encontram-se em suportes materiais, como cerâmica, tecidos, madeira, peles de animais, bem como em pinturas corporais e tatuagens (SOUZA, 2006, p.1). Portanto, entende-se que a escrita sempre esteve presente nas culturas autóctones.

Segundo Brunelière (2016, p. 20), as crônicas produzidas no século XVI pelos primeiros exploradores europeus dos territórios canadense e brasileiro são similares no que se refere à ausência ou à pouco perceptível presença das vozes ameríndias. As representações das falas dos líderes de grupos ameríndios são relatadas essencialmente em forma de discurso indireto. Observa-se que, nessas crônicas, as falas de alguns ameríndios eram posicionadas de maneira estratégica, de modo a corroborar com a tese de um discurso (BRUNELIÈRE, 2016, p. 19).

Segundo Diane Boudreau (BOUDREAU, 1993, p.70 *apud* KLAUS, 1995, p. 122), a literatura de autoria ameríndia escrita em línguas oficiais nacionais, nasce da tomada de consciência ameríndia sobre a necessidade de contrapor alternativas às forças hegemônicas. A autora afirma que a escrita literária é na sua maioria, “consagrada às considerações históricas, políticas e sociais, que revelam a emergência de uma afirmação de identidade”. Com efeito, a história da escrita ameríndia é indissociável da realidade colonial” (BOUDREAU, 1993, p.70 *apud* KLAUS, 1995, p. 122). Assim, a literatura pode tornar-se uma ferramenta de afirmação das identidades autóctones (BRUNELIÈRE, 2017) proporcionando “visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis em que o autóctone outrora silenciado, fala e age em território tomado pelo colonizador, como parte de um movimento geral de resistência” (SAID, 2011, p.332).

No Brasil, os indígenas começaram a organizar seus próprios movimentos sociais na década de 1970, em defesa de seus direitos frente a políticas expansionistas (BICALHO, 2010, p.56). Surgiu, então, o Movimento Indígena Brasileiro, organizado pela atuação de três frentes, a saber, a formação de lideranças próprias, a articulação entre os povos e a parceria com entidades de apoio e com o Estado. Como afirma BICALHO (2010, p.158), “a consciência da luta inseriu os povos indígenas do Brasil, direta e expressivamente, na opinião pública”. Nessa luta pelo reconhecimento, e principalmente após a Constituição de 1988<sup>3</sup>, os indígenas começaram a ocupar espaços na esfera pública-política, passando a representar a si mesmos. É nesse momento, a partir de 1990, que os autores indígenas começam a fazer uso das infinitas possibilidades que a literatura oferece:

[...] a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes

---

<sup>3</sup> **Art. 231.** “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (BRASIL, 1988) Disponível em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_26.06.2019/art\\_231\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_231_.asp). Acessado em: 26 de jun. 2019.

silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

No contexto canadense, a literatura contemporânea de autores indígenas surge na década de 1970, sendo que a maioria das produções se concentrava em histórias de vida (BRUNELIÈRE, 2016, p.24). Mais tarde, nos anos 1990, surgem temas ligados aos movimentos pelo reconhecimento dos autóctones. Do lado anglófono canadense, encontram-se as antologias contemporâneas de Thomas King. Já a literatura ameríndia escrita em língua francesa entra em cena nos anos 2000, com a publicação da coletânea de textos de autores ameríndios do Quebec organizada pelo pesquisador Maurizio Gatti (2004, 2009).

Quanto ao estudo da literatura de autores indígenas, cabe ainda ressaltar, conforme aponta Janice Thiél em **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**:

O que se considera texto literário, e a teoria literária utilizada para classificá-lo ou analisá-lo, reflete aprendizado e centramento cultural. Mas escrita e literatura não são categorias universais. O estudo da textualidade indígena deve levar em conta o entrelugar cultural dessa produção. A textualidade indígena composta entre letra e o desenho, entre o olhar e a voz, altera a construção da linguagem poética e imprime estilos particulares à criação literária (THIÉL, 2012, p. 32).

Na leitura proposta a seguir, é com esse olhar atento e acolhedor, e com genuíno interesse pelos textos que compõem o corpus deste trabalho, que busco identificar as especificidades da voz de cada um dos três autores em questão.

## 2. VOZES E ABORDAGENS PLURAIS DE AUTORES AMERÍNDIOS

### 2.1. A antologia *Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française*

A antologia **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**, publicada no ano de 2009, é a primeira coletânea especificamente de textos literários contemporâneos de autoria ameríndia e escritos em língua francesa. O pesquisador Maurizio Gatti reuniu textos de diversos gêneros literários, organizados em cinco partes. São elas Contos e Lendas, Poemas, Romances, Teatro e Histórias e Depoimentos. A intenção do autor é apresentar um panorama da produção de literatura em língua francesa, de autoria ameríndia do Quebec, que, por sua vez, se mostra diversa e emergente. Sua antologia foi construída cuidadosamente, a partir de visitas às reservas das Primeiras Nações do Quebec e levantamento dos textos literários escritos em língua francesa por autores membros dessas comunidades. Em seguida, Maurizio Gatti selecionou textos correspondentes aos critérios de escrita relacionados às questões de identidade ameríndia e que, portanto, vão além do ativismo, expandir o cânone da literatura quebequense. Ele reuniu sessenta e três textos, numa coletânea inédita que demonstra a variedade de gêneros na escrita literária ameríndia contemporânea de língua francesa (GATTI, 2009, p.26-28).

Maurizio Gatti, obteve sua formação em Línguas e Literaturas Estrangeiras em Roma, sua cidade natal. Prosseguiu com suas pesquisas no Quebec, onde é pesquisador associado pela Universidade do Quebec, em Montreal<sup>4</sup>. Organizou e escreveu quatro obras, dentre elas a referida antologia, sobre literaturas autóctones e ameríndias quebequenses: **Littérature amérindienne du Québec : écrits de langue française** (2009 [2004]), **Être écrivain amérindien au Québec: indianité et création littéraire** (2006), **Mots de neige, de sable et d'océan : littératures autochtones (Québec, Maroc, Polynésie française, Nouvelle-Calédonie, Algérie)**(2008) e **Littératures autochtones** (2010, com a colaboração de Louis-Jacques Dorais). Para o presente trabalho, foram selecionados dois autores dessa antologia: Christine Sioui Wawanoloath et Robert Boucher.

#### 2.1.1. "Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler", de Cristine Sioui Wawanoloath

Christine Sioui Wawanoloath nasceu em 1952 em Wendake<sup>5</sup>, nome atual da reserva indígena urbana da Nação Huron-Wendat mais conhecida por *Village des Hurons* e situada na província de Quebec. Filha de pai *Wendat*<sup>6</sup> e de mãe *Abénaquise*<sup>7</sup>, após a morte de seu pai, e com apenas

---

<sup>4</sup> As informações em francês encontram-se no site da Universidade do Quebec. [http://www.nord.uqam.ca/index.php?section=cherch\\_gatti](http://www.nord.uqam.ca/index.php?section=cherch_gatti). Acessado em: 26 de set. 2019.

<sup>5</sup> *Wendake* é uma reserva ameríndia da província do Quebec. Acercada à cidade do Quebec, é a única comunidade do Canadá, onde se encontra a Nação *Huron-Wendat*.

<sup>6</sup> *Wendat* é uma língua de matriz *Iroquois*, também é o nome referente aos membros da população *Huron-Wendat*. Suas terras tradicionais eram no Vale de *Saint-Laurent*, onde praticavam a agricultura. Essa Nação conta com 4056 membros registrados de acordo com os dados estatísticos de julho de 2018. Ver mais detalhes: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/hurons>. Acessado em: 26 de set. 2019.

<sup>7</sup> *Abénaquis* ou *Abénakis*, língua e população da família linguística *Algonquine*. Suas terras tradicionais incluíam a parte sudeste do Quebec, oeste do Estado de Maine e norte de Nova-Inglaterra. O número de

algumas semanas de vida, ela mudou-se para *Odanak* (reserva indígena *Abénaquis*), juntamente com seus três irmãos. *Odanak* continua seu local de residência até os dias de hoje.

Na década de 70, estudou fotografia, arte e história em Montreal e no *Collège Manitou*. Trabalhou como fotógrafa, grafista e jornalista, na Baía *Forbisher* (região do *Nunavut*, norte do Canadá) e no município de *Val-d'Or* (região sudeste da província do Quebec), para publicações autóctones na capital canadense, Ottawa. No ano de 1985, na mesma cidade, assumiu o cargo de diretora de programações, no *Centre d'amitié autoctones de Val d'Or*<sup>8</sup>. Realizou projetos de sensibilização e compartilhamento de conhecimentos autóctones na Associação *Femmes Autoctones du Québec - FAQ*<sup>9</sup>, onde foi coordenadora do serviço de não-violência, entre os anos de 1992 e 2002, período em que Christine Sioui Wawanoloath escreveu *La Légende des oiseaux qui ne savait plus voler*. No mesmo ano de 2002, passou para o cargo de agente de comunicação, na sociedade de difusão da cultural autóctone *Terre en Vue*<sup>10</sup>, onde trabalhou por 6 anos. Christine Sioui Wawanoloath é pintora, ilustradora e autora dos livros: *La légende des oiseaux qui ne savaient plus voler*, éd. Femmes Autochtones du Québec, 1995, *Toloti*, éd. Présence autochtones, 2003, *Natanis*, éd. Le Loup de Gouttière, 2005 e *Nanibôssad ôtloka: La lune raconte*, éd. Hannenorak, 2011. E também escreveu peças de teatro: *Femme et esprits e Homme et esprits*.

O texto, publicado na obra organizada por Maurizio Gatti e de autoria de Christine Sioui Wawanoloath, é um excerto do livro *Dépasser la violence, précédé de La Légende des oiseaux qui ne savait plus voler*. (SIOUI WAWANOLOATH in PELLETIER et al., 1995, p. p.13-18). A história acontece em um território habitado por pássaros verdes logo após a chegada dos pássaros amarelos.

No princípio, houve uma relação de complacência entre pássaros nativos daquela região com os recém-chegados. Os pássaros verdes transmitiram alguns saberes sobre os recursos naturais, sobre o território e seus modos de vida. Estavam até mesmo dispostos em ensiná-los a voar. Mas os pássaros amarelos tinham somente um interesse. Eles queriam ocupar o continente verde e ter o poder exclusivo sobre os recursos e o território. A maneira como os pássaros amarelos trataram os pássaros verdes desde que chegaram gerou efeitos nefastos sob vários planos, tais como a vida comunitária, os meios de subsistência, a espiritualidade e costumes, como voar e a dança no céu.

Começaram aparecer sinais de violência dentre os pássaros verdes, principalmente dos machos contra as fêmeas pássaros verdes, que ficavam no ninho para proteger e cuidar dos filhotes.

Os pássaros verdes machos deixaram de participar dos cuidados com o ninho e se encarregaram das trocas de folhas contra *Karies* (pétalas de rosa secas e açucaradas trazidas do continente amarelo) e *Bribri* (grãos pretos de efeito hilariante, trazidos do continente azul) com os pássaros amarelos. As fêmeas tornaram-se sedentárias e dependentes dos machos, com a impossibilidade de deixar o ninho para buscar, como era o costume, os recursos naturais dos quais viviam. A

---

membros registrados dessa nação são de 469 na reserva de *Wôlinak* e 2537 na reserva *Odanak*, ambas situadas no Quebec, entre as cidades Quebec e Montreal. Ver mais detalhes: <https://thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/abenaquis-1>. Acessado em: 26 de set. 2019.

<sup>8</sup> Ver: <https://www.caavd.ca>. Acessado em: 26 de set. 2019.

<sup>9</sup> Ver: <https://www.faq-qnw.org>. Acessado em: 26 de set. 2019.

<sup>10</sup> Ver: <http://www.nativelynx.qc.ca>. Acessado em: 26 de set. 2019.

dominação provocou tantas transformações que os anos de interdição e de vida dentro dos viveiros regidos pelas leis dos pássaros amarelos resultaram que os pássaros verdes já não sabiam mais voar. Portanto, os anciões se recordam e contam suas histórias para as gerações atuais, que as escutam duvidosos da possibilidade de voar, mas fascinados pelas histórias de liberdade.

O texto (ver ANEXO I) comporta uma estrutura narrativa de conto fantástico, de caráter trágico. Antes de analisar o corpo do texto, me atento à palavra “Lenda” presente no título “A Lenda dos pássaros que não sabiam mais voar”<sup>11</sup>. A lenda tem um caráter tradicional e popular, de um enunciando a ser transmitido. Refere-se a um mundo conhecido com representações de fatos verídicos ou personagens reais, porém imbuídas de imaginação popular ou do narrador. Como é citado na obra, a palavra lenda na sua origem significa “aquilo que deve ser lido”<sup>12</sup> (GATTI, 2009, p. 49). Observa-se que a autora cria uma nova lenda com a intenção de revisitar de outra forma a história dos contatos entre autóctones e alóctones e refletir sobre o presente. Assim explica Maurizio Gatti, o texto [...] *mostra como a tradição das lendas não pertence mais ao passado, mas ela está efetivamente no presente [...]*<sup>13</sup> (GATTI, 2009, p. 49).

A narrativa acontece no passado imperfeito, num tempo marcado pelas memórias e lembranças do narrador onisciente que conta os fatos, descreve as ações entre os personagens, usando o discurso indireto e se refere a eles na terceira pessoa do plural “Les oiseaux”. O incipit do texto indica *Au début...* instituindo um pacto de leitura semelhante ao da expressão “Era uma vez”, que inicia os contos de fada europeus clássicos. Também demarca um vínculo historiográfico, ou seja, “No começo da nossa história” e destaca as transformações se passado for comparado ao presente. O fluxo de consciência do narrador revela um começo, marcado pelo contato entre os personagens, que não têm nome próprio, sendo chamados de pássaros e distinguindo-se por grupos de cores e culturas. Percebe-se aqui um caráter simbólico na representação ficcional dos personagens como pássaros. A autora utiliza símbolos em suas narrativas e também em ilustrações e pinturas (GATTI, 2009, p. 49). No **Dicionário Larousse de Símbolos e Signos** (2009), o verbete pássaro aponta o seguinte:

Os pássaros por sua aptidão pelo voo são mensageiros simbólicos entre o céu e a Terra. Essas criaturas aladas simbolizam igualmente a alma, pois seu voo pode ser interpretado como uma liberação dos limites físicos do mundo material. [...] <sup>14</sup> (BRUCE-MITFORD; WILKINSON, 2009, p. 58)

Observa-se uma associação da figura simbólica do pássaro com a metáfora do voo, ação que permite ir muito além dos limites impostos, presente em pinturas e ilustrações de Christine Sioui Wawanoloath, como nos exemplos que se seguem:

---

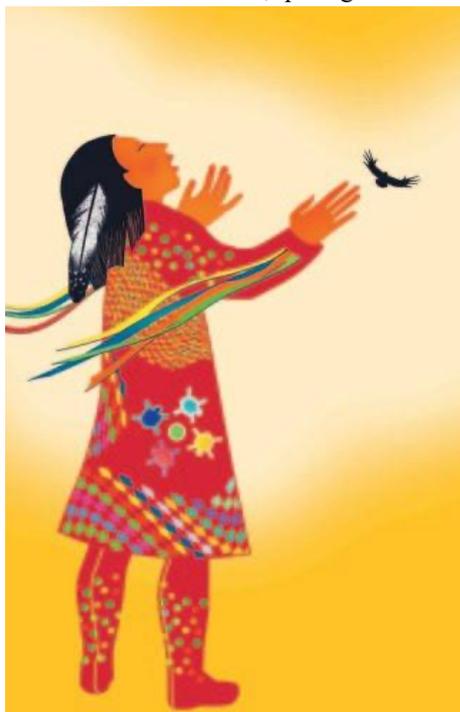
<sup>11</sup> Todas as traduções de trechos em língua estrangeira são minhas, salvo indicação contrário.

<sup>12</sup> Trecho original : Ce qui doit être lu

<sup>13</sup> Trecho original : [...] *montre comment la tradition des légende n'appartient pas uniquement au passé mais bel et bien au présent [...]*

<sup>14</sup> Versão original : *Les oiseaux, de par leur aptitude au vol sont les messagers symboliques entre le ciel et la Terre. Ces créature ailées symbolisent également l'âme, car leur envol peut être interprété comme une libération des limites physiques du monde matériel. [...]*

**Figura 1** – Ilustração intitulada *8zidakwaso*, que significa Éco em Huron-Wendat.



**Fonte:** Obra de Christine Sioui-Wawanoloath, 2011.

**Figura 2** – Acrílico e colagem em papelão, 8 x 12", intitulada *Amerikas*.

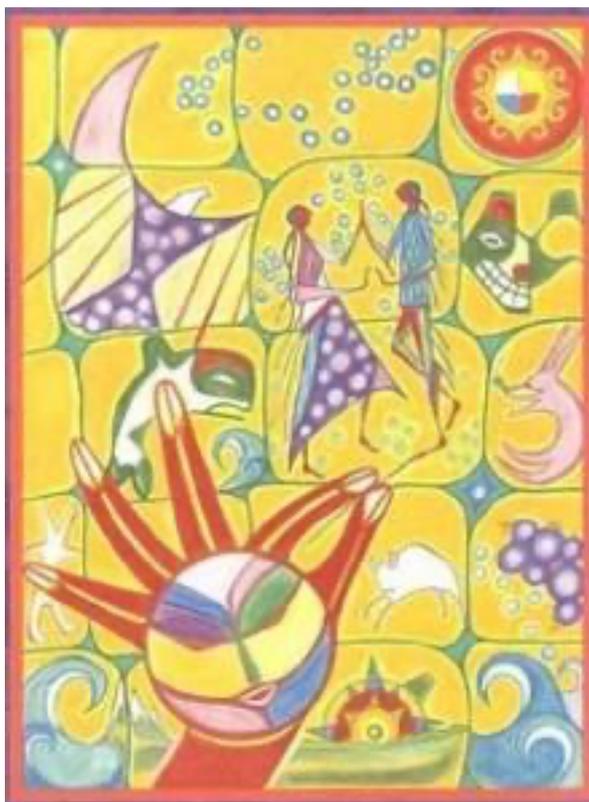


**Fonte:** Obra de Christine Sioui-Wawanoloath, 2004.

A figura 2 é descrita por sua autora nos seguintes termos: “Eu fiz esta ilustração para o colóquio das mulheres autóctones das Américas do Norte e do Sul que aconteceu no Peru em 2004. Duas mulheres voam acima das Américas. A mais velha parece guiar a mais jovem” (SIOUI-WAWANOLOATH, s.d.).<sup>15</sup> nos cabelos de cada uma dessas figuras femininas há um pássaro.

<sup>15</sup> No original: *J'ai fait cette illustration pour le colloque des femmes autochtones des Amériques du Nord et du Sud qui avait lieu au Pérou en 2004. Deux femmes volent au-dessus des Amériques. La plus vieille*

**Figura 3** - Tinta e lápis sobre papelão, 11 x 17". Intitulada *Hommage sur des perles de maïs*.



**Fonte:** Obra de Christine Sioui Wawanoloath, 2000.

Na Figura 3 além do voo da águia, outros elementos simbólicos, também se fazem presentes, conforme explica a artista:

Uma mão vermelha em cujo centro há um rosto muito colorido desenha uma mulher e um homem que dançam. À direita do desenho, diferentes elementos típicos das Primeiras Nações do Canadá estão em torno das figuras centrais; ondas representam os dois oceanos, uma tartaruga-sol sobe ao leste, um bisão branco corre, uma lebre fuma cachimbo, uma máscara de lobo no estilo das Primeiras Nações do oeste, um sol com motivos de curvas duplas. À esquerda, vê-se uma águia que alça voo, uma baleia no estilo do Oeste e uma lebre tirada de um petroglifo. Essa ilustração recebeu o prêmio nacional na seção Primeiras Nações do Concurso *Affaires Indiennes et du Nord Canada*. (SIOUI-WAWANOLOATH, s.d.).<sup>16</sup>

---

*semble guidée la plus jeune* ». Fonte: <http://www.nativelynx.qc.ca/arts-visuels/artistes-autochtones/christine-sioui-wawanoloath/>

<sup>16</sup> No original: *Une main rouge ayant en son centre un visage très coloré dessine une femme et un homme qui dansent. À droite du dessin, différents éléments typiques aux Premières Nations du Canada entourent les figures centrales; des vagues représentant les deux océans, une tortue-soleil se levant à l'est, un bison blanc courant, un lièvre fumant la pipe, un masque de loup dans le style des Premières Nations de l'ouest, un soleil aux motifs de doubles courbes. À gauche on voit un aigle qui prend son envol, une baleine dans le style de l'Ouest et un lièvre tiré d'un pétroglyphe. Cette illustration a gagné le prix national dans la section Premières Nations du concours des Affaires Indiennes et du Nord Canada.* Fonte: <http://www.nativelynx.qc.ca/arts-visuels/artistes-autochtones/christine-sioui-wawanoloath/>. Acessado em: 26 de set. 2019.

Observa-se que pássaros e voo são características bem demarcadas da autora. Nas pinturas da autora, está bem elucidada a união do passado com o presente a partir da transmissão dos saberes indígenas dos mais velhos aos mais novos. Da mesma forma a lenda, “La légende des oiseaux qui ne savaient plus voler” podemos considerar que a autora, Christine Sioui Wawanoloath, revisita a história dos primeiros contatos e o início da colonização na América do Norte e relata suas consequências no presente.

Segundo Gatti (GATTI, 2009, p.49) a autora cria uma lenda, contada *num estilo alegórico*, de um mundo povoado de pássaros. A configuração espaço-temporal da narrativa implementa assim um mundo recriado em um tempo e espaço indeterminados, onde o desenvolvimento da narrativa abarca os conflitos oriundos de relações de força e poder. O desfecho revela o engendramento de transformações de forma distópica entre os grupos de personagens.

Dessa forma, através do voo dos pássaros cria-se o vínculo com a ancestralidade. A autora recupera a lenda, que é uma forma de transmissão oral, do que dever ser transmitido. A sequência de ações acompanha a tomada de consciência e as reações dos protagonistas da história, ou seja, o grupo de pássaros verdes, desde o início dos contatos com grupo de pássaros de cor amarela e, mais tarde, com os pássaros azuis. O narrador onisciente descreve características internas e externas dos personagens, como por exemplo o comportamento dos pássaros verdes a partir de suas cosmovisões, suas tradições, ou seja, a forma de pensar e de se relacionar com o outro. Desse modo, o narrador conta o comportamento dos pássaros verdes no princípio, quando, à chegada dos pássaros amarelos, houve uma receptividade amigável – “Eles quiseram ensiná-los a voar, pois segundo seus ensinamentos, todos os pássaros eram iguais e livres e deviam coabitar em paz” (GATTI, 2009, p. 49, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Na diegese, os acontecimentos são marcados por elipses de narração como “*Après de longues années[...]*” (p.50), “[...] *au cours d’interminables guerres[...]*” (p.51). As pausas descrevendo os fatos mais marcantes da história da colonização: os primeiros contatos, a percepção do perigo; os conflitos, a rendição e o acordo de paz; as consequências e transformações; o uso dos recursos, câmbios e ocupação do território e, por fim, a degradação da população de pássaros verdes.

Identificamos no texto elementos como “as folhas”, que remetem às peles de animais, exploradas durante a colonização da América do Norte (SILVA; DABIN, 2019, p. 275), “as redes” (les filets) para referir-se às armas usadas pelos colonizadores, durante os conflitos; *Karies*, que se referem a alimentos introduzidos pelos alóctones que causaram problemas e doenças como caries nos dentes e *Bribri*, que remete às drogas.

No desenvolvimento, os conflitos se desencadeiam no momento em que os protagonistas percebem o perigo vindo dos pássaros amarelos, que chegavam cada vez mais numerosos, demonstrando desrespeito para com a terra e seus recursos. A autora, dessa forma, leva o leitor a descobrir que na visão dos autóctones a terra representa a extensão dos próprios seres que nela habitam e para eles a degradação dos recursos, ameaça a vida como um todo. Ela inaugura um

---

<sup>17</sup> No original: *Ils voulurent leur apprendre à voler car, d’après leurs enseignements, tous les oiseaux étaient égaux et libre et devaient cohabiter en paix*”. (GATTI, 2009, p. 49).

novo olhar, que se distancia, através de uma figuração abstrata dos personagens (GATTI, 2009, p. 49).

### 2.1.2. O conto "Le départ", de Robert Boucher

Robert Boucher<sup>18</sup> (1954-2003), de pai e mãe *Atikamekw*<sup>19</sup>, nasceu no território indígena *Wemotaci*<sup>20</sup>, em Maurici. Após seus estudos secundários em 1978, iniciou sua carreira de trabalhos em assuntos administrativos ligados a questões de ocupação e utilização dos territórios pelas nações que reuniram desde 1975 para formar um Conselho chamado Atikemak-Montagnais<sup>21</sup>, no qual ele também exerceu a função de conselheiro em questões de toxicomania, de tradutor de *atikamekw* para o francês e foi responsável pelo projeto de configuração florestal das terras indígenas. Entre 1989 e 1995, Robert Boucher participou das formações entre outras sobre questões administrativas de direitos autóctones e de registros dos Indígenas<sup>22</sup> propostas pelo Ministério de assuntos indígenas e do Norte do Canadá. Ele prosseguiu ocupando funções ligadas a população e território como membro do Comitê executivo do Conselho dos *Atikamekw* de reserva *Wemotaci* e também responsável pelo folheto informativo local, até 11 fevereiro de 2003, data de seu suicídio.

Seu gosto pela escrita o levou a colaborar na publicação de um livro bilíngue *atikamekw* e francês, direcionado para o público infantil, **Kice Irintw acite sipiriw. Mon grand-père et la rivière**. O conto "Le départ", presente na coletânea de Maurizio Gatti, foi publicado anteriormente, em 1995, na revista belga *Survivance* e em 2002, no jornal *Innuvelle*, dos *Innu* da Côte-Nord do Canadá.

Em "Le départ" (ver ANEXO II) o narrador conta as lembranças de partida de um menino de seis anos para longe dos seus pais e seu lugar de origem. Uma partida cujo objetivo era proporcionar-lhe uma boa educação e o aprendizado da língua francesa. Ele recorda ter ouvido que essa também era a vontade do padre daquela aldeia. O menino lembra-se das aventuras com seu pai quando iam pescar, às vezes em lugares distantes. Havia um velho homem sorridente, cujo bom humor contagiava todos os membros do povo. Juntos, eles percorriam o rio e depois compartilhavam a pesca com as famílias habitantes naquele lugar. Havia também um outro velho, mal-humorado. As crianças se aterrorizavam com sua voz grossa, e mesmo com seu riso. O menino se lembra do choro, longe dos pais. Ele foi para o pensionato para jovens *Atikamekw* em Abitibi, em seguida para Pointe-Bleue au Lac-Saint-Jean. Eles tinham permissão para visitar a família somente em junho e depois nas festas de fim de ano e Páscoa.

Quanto ao tempo da narrativa, observa-se na diegese momentos presentes na memória do autor, porém em uma descontinuidade dos fatos. A elipse *Vers la fin de l'été* [...] refere-se ao

---

<sup>18</sup> Não se encontram informações sobre o autor, disponíveis em sites ou outras publicações além das informações descritas na obra organizada por Maurizio Gatti. Para reuni-las, Gatti entrou em contato direto com familiares e pessoas próximas dos autores presentes em sua coletânea.

<sup>19</sup> *Atikamekw* é uma língua e população de origem *Cris*, autóctones do Oeste do Quebec. São provenientes da família linguística *Algonquine*. Ver: <http://www.atikamekwsipi.com/fr/la-nation-atikamekw/fondements/population> Acessado em: 3 de out. de 2019.

<sup>20</sup> *Wemotaci* é uma reserva ameríndia *Atikamekw* situada nas margens do Rio Saint-Maurice, na Região Maurice, oeste do Quebec. Ver: [www.toponymie.gouv.qc.ca](http://www.toponymie.gouv.qc.ca). Acessado em: 3 out. 2019.

<sup>21</sup> Depuis 1975, ils se sont joints aux Innus (Montagnais-Naskapis) pour former le Conseil Atikamekw-Montagnais. Ver : <https://thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/atikamekw> Acessado em : 4 de outubro de 2019.

<sup>22</sup> Em Registre des Indiens.

início do ano escolar tradicional, revela o fato marcante da viagem para o pensionato e desencadeia lembranças de momentos de afeto com o pai e vividos junto aos membros da comunidade. Uma volta ao passado, através da memória (*Il se souvient des[...], l'image d'un vieil homme [...], Il se souvient aussi [...]*). Ao final da história, o narrador retorna ao tempo inicial, revelando as consequências daquela viagem, a tristeza do afastamento obrigatório para realizar os estudos em pensionato sob coordenação católica e regido através do calendário católico.

No conto de Robert Boucher, observa-se um outro momento histórico da relação distópica entre autóctones e alóctones no Canadá. É uma denúncia das políticas de assimilação adotadas pelo Governo Canadense que obrigava as crianças autóctones a estudarem em pensionatos financiados pelo Estado e coordenado pela Igreja Católica.<sup>23</sup> E também o testemunho de uma experiência vivida enquanto criança, e compartilhada, estima-se, por mais de 150.000 crianças autóctones<sup>24</sup>.

O autor relata desse modo sua história em terceira pessoa referindo-se ao personagem principal como *le petit garçon*, uma ausência do nome próprio, que remete a todas as crianças autóctones que passaram pela mesma experiência. Neste momento houve uma ruptura violenta, quanto as relações de transmissão de saberes autóctones dos mais velhos para os mais novos. Nos fragmentos de memórias podemos perceber a noção fluida de território, quando há a partilha da pesca com as famílias coabitantes no lugar. No afastamento para pensionatos muito longe de seu povo, percebe-se também o afastamento das territorialidades autóctones.

O autor constrói sua narrativa utilizando fatos de sua vida, mas promove um distanciamento através do deslocamento entre autor e narrador. O *incipit* de texto, *Le petit garçon vient d'avoir six ans. [...]* (p. 206), remete a um contexto real bastante preciso: como o autor-personagem-narrador nasceu em 1954, a história se passa em 1960, um período histórico marcado pelas políticas de assimilação implantadas pelo governo canadense. O texto aborda, portanto, um trauma coletivo, pela à imposição da cultura e religião alóctones, vivenciado por crianças e famílias autóctones do Canadá. Robert Boucher busca recriar o vínculo com o passado aos abordar elementos da ancestralidade, pais e anciãos e a relação de alteridade com os que vivem no mesmo lugar, na da partilha da caça. E assim, o autor, através do personagem que representa o coletivo, une o passado e o presente histórico vivenciado pelas primeiras nações, a partir da transmissão de suas próprias vivências.

---

<sup>23</sup> Ver: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/pensionnats> Acessado em: 03 nov. 2019.

<sup>24</sup> Ver: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/pensionnats> Acessado em: 03 nov. 2019.

## **2.2. A coletânea *Vivências e Sentimentos do Povo Laklaño/Xokleng: o povo filhos do sol***

João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida, nasceu no dia 20 de julho de 1952, na Terra Indígena atualmente denominada TI Laklãnõ /Xokleng de Ibirama, situada no Alto Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. Filho de Ida Nunc-Nfoônro, indígena de origem Kaingang, naturalizada Laklãnõ/Xokleng, por ter nascido na TI Laklãnõ/Xokleng de Ibirama. De seu pai, Euclides de Almeida, sabe-se pouco, somente que veio do Estado de São Paulo. João Adão Nunc-Nfoônro, com apenas alguns meses mudou-se com sua família para Rio Bonito, em Santa Catarina. Frequentou a escola inicialmente na cidade de Mafra/SC, tendo cursado os anos finais na cidade de Rio Negro, no estado de Paraná.

Aos treze anos de idade, perdeu seu pai e, aos 18, retornou a sua Terra natal, com sua mãe e seus irmãos. Foi professor voluntário da etnia Guarani, na Aldeia Ribeirão do Toldo. Em 1971 iniciou sua participação da Liderança Indígena na Terra Indígena Laklãnõ e logo envolveu-se continuamente na gestão dessa TI, bem como na elaboração e envio de documentos para as autoridades governamentais estaduais, federais, incluindo os serviços de proteção e segurança civil. Participou nos movimentos de luta pela demarcação das Terras, oposição e negociações no processo de construção da Barragem Norte. É um conhecedor da trajetória do povo Laklãnõ /Xokleng, de suas experiências de convivência com as comunidades de imigrantes instaladas na região. Em 1982, João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida casou-se com Miriam Vaicá Priprá, de origem Laklãnõ /Xokleng, professora de língua Laklãnõ na escola indígena Vanhécu Patté e tiveram dez filhos (duas já falecidas). Nos anos 1990, foi professor na escola Jangô Pripra, da Aldeia Bugio, situada na TI Laklãnõ. Nessa mesma Aldeia, exerceu a função de Cacique, em 2004 e 2005. João Adão foi professor em escolas indígenas pela rede municipal, hoje é aposentado, escritor, continua participando na liderança na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng de Ibirama, onde vive com sua esposa, filhos e netos.

O prazer pela escrita vem desde sempre, relata João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida. Escrevia alguns poemas durante seu período escolar, na sua infância e adolescência, e depois para seus filhos, quando lhe pediam para levar textos para escola. Porém, nunca guardou ou publicou seus escritos. Foi somente mais tarde, quando seus filhos já estavam adultos, que o incentivaram a publicar seus textos. Dessa forma, nasce a obra “*Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng*”: o povo filhos do sol, coletânea de cerca de setenta poemas em língua portuguesa.

Segundo João Adão Nunc-Nfoônro, foi o resultado do prazer pela leitura e escrita, somado à tomada de conhecimento dos textos de Silvio Coelho dos Santos, antropólogo professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina e membro da Academia Catarinense de Letras – ACL, cadeira nº8. Através dos poemas ele reviveu a história de seu povo e outras questões sociais. Seus textos revelam experiências vividas pelo Povo Laklãnõ/Xokleng desde os primeiros contatos até os dias de hoje. Por sua obra, tornou-se membro da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC) - Seccional de José Boiteux, em 2017. Observa-se que o objetivo principal foi publicar uma obra inteiramente realizada por membros do grupo étnico Laklãnõ. Desde os textos de autoria de João Adão, a revisão por sua filha, Walderes Coctá Pripra e a ilustração e fotografias feitas por familiares. É o que indica Marcia Fusinato Barbosa Athayde, Presidente da ALBSC - Seccional de José Boiteux, em seu texto de apresentação do

autor e da obra: “Com linguagem simples e sem o rigor exigido pelas normas da Língua Portuguesa, João Adão, é simplesmente “O Poeta da Realidade Nua e Crua” vivida pelo Povo Laklãnõ/Xokleng” (Athayde *in* NUNC-NFOÔNRO, 2017).

Seus poemas são recitados nos eventos da TI Laklãnõ pelo autor, seus filhos e outros membros da escola Vanheçú Patté e comunidade. Também se encontram em publicações, como o poema “Poema Ação Saberes”, publicado na obra **Consciência Laklãnõ Xokleng em ação: jeitos de ensinar e aprender na Terra Indígena Laklãnõ** (DARELLA, 2018, p. 27), organizada por Maria Dorothea Post Darella, antropóloga, professora e pesquisadora da UFSC. Da mesma forma, em sites relacionados ao governo de Santa Catarina, como o poema “Índios do Brasil” publicado em 2013, no site da Secretaria de Estado de Agricultura e de Pesca<sup>25</sup> e os poemas “Os Pacificadores” e “Cenário de Horror”, publicados no site oficial do município de José Boiteux, em comemoração ao dia Municipal da Pacificação, 22 de setembro de 2018<sup>26</sup>.

### 2.2.2. Os poemas “O Passado” e “Amargura, Tristeza e Saudade”

Entre as produções poéticas do escritor João Adão, foram escolhidos os poemas “O passado” e “Amargura, Tristeza e Saudades” (NUNC-NFOÔNRO, 2017, p. 57-58), por apresentarem na sequência uma narrativa em do encontro dos indígenas com sua história através dos objetos, pertences e imagens de seus Ancestrais, preservados pelo acervo do MARquE, da Universidade Federal de Santa Catarina, e homenageia o trabalho do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. Nos dois textos o autor relembra o passado do povo Laklãnõ/Xokleng e pode-se perceber no texto a subjetividade presente em uma mescla entre o olhar do autor e a memória individual e coletiva.

Cabe lembrar Octavio Paz quando afirma que, a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono, algo que se aprende e se pratica. A criação de regras outras no uso da linguagem:

Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todos os rostos, mas há quem afirme que não possui nenhum: [...] Será preciso, então, interrogar os testemunhos diretos da experiência poética. A unidade da poesia só pode ser captada pelo trato nu com o poema. (PAZ, 2012, p. 21–22)

O poema “O Passado” (ver ANEXO III) foi escrito no dia 26 de setembro de 2015, dois dias depois da visita organizada pela coordenação do curso de Licenciatura Indígena da universidade Federal de Santa Catarina em parceria com o coro técnico do Museu de Arqueologia

---

<sup>25</sup>Ver: <http://www.microbacias.sc.gov.br/visualizarNoticia.do?entity.noticiaPK.cdNoticia=6740>. Acessado em 29 de set. 2019.

<sup>26</sup> Em 03 de Maio de 2018 o Prefeito, Jonas Pudewell, sancionou a Lei Nº 1.140/2018 que institui o dia 22 de setembro como Dia Municipal da Pacificação dos Índios Xokleng, data que é destinada a preservação da cultura dos povos indígenas do município de José Boiteux/SC. <https://www.pmjb.sc.gov.br/noticias/index/ver/codNoticia/514579/codMapaItem/19879>. Acessado em: 30 set. 2019.

e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina (MARQUE). Assim, no dia 24 de setembro de 2015 um ônibus saiu da TI Laklãnõ com anciãos de mais de 60 anos, adultos, jovens e crianças para a visita ao museu, no campus central da UFSC, em Florianópolis.

No texto, o autor relata a chegada e a emoção vivenciada ao ver os jovens e crianças conhecerem as antiguidades e a história de seus Ancestrais. Ele descreve o encontro com os objetos, o toque com as mãos e imaginar como seus ancestrais viviam na mata, fabricavam seus instrumentos de caça, pesca e coleta para se alimentar. Em seguida, o autor aborda a sensação de retorno ao passado. A memória do que nunca foi contado continua viva com os anciãos, a memória um passado marcado pelos massacres da colonização. Ao final, o autor aponta a continuidade dessa condição subalterna na época contemporânea e reincindica os direitos dos índios oficializados na constituição<sup>27</sup>.

Trata-se de um poema de caráter prosódico, organizado em uma estrutura contínua de prosa e também estruturado em quatro estrofes, com um ritmo de poema. No exemplo abaixo, um dos elementos rítmicos do verso é a inversão de verbo e complemento, com a intenção de posicionar dos verbos no fim de cada verso:

**Primeira estrofe**

/ em Florianópolis chegaram. /

/no tempo retroceder. /

/assim sobreviverem. /

O poema intitulado “Amargura, tristeza e saudade” (ver ANEXO III) vem imediatamente após “O passado”, sendo ambos datados do mesmo dia (28/09/2015). Trata-se de um poema em prosa, organizado em quatro estrofes, que têm aproximadamente o mesmo tamanho, e são marcadas por uma rima interna. Vejamos as duas primeiras estrofes:

Na UFSC em Florianópolis, Sílvio Coelho juntou, um resgate da antiguidade, quem olhou se impactou, ao ver uma relíquia antiga, que o índio primitivo deixou, na Ilha Catarinense, foi que o antropólogo guardou.

Lá tem urnas mortuárias, e pedras nem sei pra que, se era para apontar lanças, ou outros artesanatos fazer, havia arcos e flechas e lanças que eles usavam, todos os dias na mata, ou guerras que enfrentavam, para defender a tribo, quando perseguidos estavam (NUNC-NFOÓNRO DE ALMEIDA, 2017, p. 58, grifo meu).

No poema “O Passado” o autor utiliza o pretérito imperfeito e a terceira pessoa do plural. A narrativa poética faz referência às experiências e imagens do coletivo, mescladas às impressões e constatações do narrador. O texto leva o leitor a vivenciar as experiências do encontro dos índios Laklãnõ/Xokleng, com os objetos de seus Ancestrais dispostos no museu em Florianópolis. O autor descreve as ações e cria relações entre o que vê, imagina, o que se sente e pensa. Ele estabelece uma relação entre o ver (“Arcos e flechas vistos”), o toque (“com as mãos todos apalpavam”) e a memória (“que nossos ancestrais usavam”). Nota-se também uma analogia

---

<sup>27</sup> Constituição de 1988. Ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

entre a data da visita ao museu (“No dia 24 de setembro...”) e a data histórica da pacificação, dia 22 de setembro de 1914, (“Neste dia de setembro, veio na imaginação...”), data em que a população da TI Laklãñ/Xokleng, juntamente com o município de José Boiteux, comemoram um marco histórico no modo de vida dos Laklãñ/Xokleng e que mudou definitivamente o destino dessa população autóctone.

O poema também salienta que os objetos dispostos no museu são desconhecidos para as novas gerações. Desse encontro com o passado, brota a emoção. Consta-se um novo olhar nessa relação autor, leitor e texto, O autor propõe uma releitura de um momento histórico estabelecendo analogias com um evento no tempo recente. Assim, no encontro entre o eu, o outro e nós com os objetos históricos dispostos no Museu MARquE, o poema de autoria autóctone escrito em língua portuguesa suscita no leitor uma reflexão quando à escrita literária de autoria ameríndia, ao caráter específico de literatura ameríndia e seu papel histórico-social.

Observa-se nesse poema, a união do presente com o passado através dos objetos históricos pertencentes aos povos indígenas ancestrais. O autor, retoma a noção de territorialidade ameríndia no momento em que descreve a visita ao museu, os objetos “Para sobrevivência na mata” e suas funções “Para caçar e pescar, tirar mel, coletar, usavam vários recursos, para fome não passarem.”

Em seguida, João Adão Nunc-Nfoñro relembra o momento histórico “Nestes dias de setembro [...]” marcado pela relação distópica e conflitos entre autóctones e alóctones, “Do massacre que sofreram, seus corpos caíam no chão [...]”. O autor refere-se ao episódio do dia 22 de setembro de 1914, chamado de pacificação, que engendrou a um massacre do povo / Xokleng (SANTOS, 1973). E no final do poema, o autor denuncia a continuidade da violência e distopia no presente e ressalta que a luta dos povos indígenas pelas terras e pelos os direitos presentes na constituição.

Dessa forma o escritor e liderança do povo Laklãñ/Xokleng transmite através de seus poemas suas percepções sobre a continuidade de tensões e conflitos relacionados a terra. Assim como afirma Dominique Gallois:

Problemas de terra continuam no foco central do noticiário desalentador que a mídia divulga a respeito dos índios no Brasil. Infelizmente, o público continua mal informado por notícias que apenas denunciam tensões, sem as remeter a uma histórias continuada de conflitos, cuja trajetória é não só muito bem documentada, como fundada nas próprias contradições da política indigenista brasileira (GALLOIS, 2004, p.37)

No poema “Amargura, tristeza e saudade”, escrito dois dias após o poema “O Passado”, o autor, João Adão Nunc-Nfoñro, inicia o poema fala sobre o trabalho do pesquisador Sílvio Coelho dos Santos (1938-2008), professor da Universidade de Santa Catarina, que foi um dos principais etnólogos brasileiros. Seu trabalho, pioneiro, mapeou as populações indígenas do estado de Santa Catarina. Foi diretor do Museu de Arqueologia e Etnografia (MARquE/UFSC). Desde a década de 60 foi um dos pioneiros, junto com os historiadores Oswaldo Cabral e Walter Piazza, que iniciaram os trabalhos no museu, onde o acervo foi composto por objetos etnográficos produzidos por grupos indígenas e descendentes de migrantes. Membro

da Academia Catarinense de Letras, foi secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Silvio Coelho dos Santos contribuiu fundamentalmente para o conhecimento da realidade dos povos indígenas no Estado de Santa Catarina (CREPEAU, 2008). De acordo com o Núcleo de Estudos dos Povos Indígenas (NEPI/UFSC), Silvio Coelho publicou 24 livros de sua autoria e coautoria e mais de setenta artigos científicos. Destaca-se sua tese de doutoramento publicada em 1972, profusamente documentada, intitulada “Índios e brancos no Sul do Brasil a dramática experiência dos Xokleng<sup>28</sup>”, onde ele traça o processo de espoliação dos Xokleng de Santa Catarina. No ano seguinte, em 1973, o trabalho foi publicado em formato livro, ilustrado com mapas e fotografias, pela Editora Edeme e em 1987, pela Editora Movimento. Em dois capítulos (SANTOS, 1973, p.208-229) encontra-se uma discussão dos aspectos da cultura tradicional dos Laklãnõ/Xokleng, principalmente de sua organização social. Essa obra e tantas outras já consideradas clássicos sobre essa temática foram essenciais para a luta pelos direitos à Terra e para a valorização das identidades indígenas oriundos do grupo Jê do sul do Brasil.

Nesse poema, o autor João Adão Nunc-Nfoônro continua suas reflexões sobre os objetos durante a visita ao Museu, descrita no poema precedente. Da mesma forma, observa-se na terceira estrofe, que o autor relembra o passado, sobre os conflitos pela imposição do Estado:

Não era só na sobrevivência, que eles tinham que pensar, mas defender-se dos inimigos, que queriam lhes matar, para invadir suas terras, para um Estado criar, reviveram toda a história, os anciões que lá estava, lembranças veio á tona amargura, tristeza e saudade. (NUNC-NFOÔNRO, 2017, p. 58)

Percebe-se nos poemas analisados a proposta de revisitar a história através de vozes plurais, do autor-narrador e Silvio Coelho dos Santos. Dessa forma o escritor e liderança do povo Laklãnõ/Xokleng transmite, através de seus poemas, uma realidade de tensões e conflitos relacionados a terra e suas transformações sofridas desde o passado marcado pela colonização até a atualidade.

---

<sup>28</sup> Xokleng é o nome atribuído ao povo que se auto reconhece e denomina Laklãnõ, que significa “Filhos do Sol” em sua língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da literatura, falar sobre a noção de território é tão importante quanto falar de vozes presentes no texto literário. Nas Américas, as fronteiras geográficas e a cartografia foram desenhadas dentro de um processo de colonização por uma cultura alóctone ocidental. Nesse processo não prevaleceu a relação dos povos indígenas de alteridade, a qual remete ao indivíduo como parte de um todo. Nos textos de literatura ameríndia contemporânea estudados, observa-se uma abordagem distópica dos contatos entre culturas autóctones e alóctones. Neste sentido, observa-se que o conceito de *americização* de George Sioui (*apud* RASSIER e BRUNELIÈRE, 2017) pode ser de grande valia, no contexto mundial globalizado em que vivemos, quando se propõe buscar soluções para o convívio entre diversas culturas através dos paradigmas autóctones. O caráter fluido sobre a noção de território na visão dos povos ameríndios conflui com a reflexão de transculturalismo, fundamentados numa relação de alteridade contínua de convívio entre diversas culturas em espaço. Os autores ameríndios contemporâneos estudados neste trabalho retomam a noção fluida de território através da escrita literária, tornando possível em suas formas fluidas e vozes plurais, o repensar da história e do convívio entre diversas culturas.

A primeira parte deste trabalho propõe duas reflexões. Na primeira reflexão, constata-se o caráter fluido do conceito de território na visão dos povos ameríndios, o qual se relaciona com a alteridades. Já na segunda reflexão, vê-se que a fluidez das alteridades que se encontra no cerne do multiculturalismo canadense. A escrita literária de autoria ameríndia do Canadá e do Brasil adquire visibilidade a partir da segunda metade do século XX, advindo de uma conscientização dos escritores, intelectuais e lideranças indígenas de que a literatura é uma ferramenta potente de afirmação de identidades, de expressão e lutas pelos direitos e valorização das culturas indígenas na contemporaneidade.

Na segunda parte deste trabalho são estudadas duas antologias, ambas são coletâneas pioneiras suas especificidades e regiões. A primeira antologia reúne textos literários escritos em língua francesa por autores ameríndios do Quebec. Intitulada **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française** (2009 [2004]) e organizada por Maurizio Gatti, é resultante da pesquisa de doutorado, do pesquisador italiano Maurizio Gatti, na área de Letras e Literaturas estrangeiras. Ele percebe a ausência de bibliografias de literatura de autores ameríndios quebequenses e buscou apresentar um panorama de produções literárias que se mostram diversas e emergentes. É a primeira coletânea que contém textos literários em língua francesa de autores

ameríndios contemporâneos do Quebec. A obra engloba textos de diversos gêneros literários: Contos e Lendas, Poemas, Romances, Teatro e Histórias e Depoimentos. A segunda antologia, *Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo filhos do sol*, reúne textos em língua portuguesa de um autor ameríndio do Estado de Santa Catarina. É uma obra inteiramente concebida pelo autor João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida e sua família, contando edição, revisão e imagens.

Christine Sioui Wawanoloath, autora de “*La Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler*”, é uma ameríndia canadense que realizou estudos superiores em história e artes, e também foi membro de organizações de luta pelos direitos, principalmente pela proteção e assistência contra a violência sobre mulheres indígenas canadenses. A autora trabalha com as simbologias de tradições indígenas em sua literatura e em suas obras artísticas tais como design gráfico e pintura. No conto estudado, utiliza a imagem dos pássaros a fim de revistar a história dos primeiros contatos entre autóctones dos continentes norte-americano e alóctones europeus. Ela reescreve a história a partir da perspectiva indígena trazendo as sequelas de imposições da cultura europeia, que causaram impactos irreparáveis nas culturas indígenas.

Robert Boucher, autor do conto “*Le départ*”, também é indígena canadense. Sua infância e juventude foram marcadas pela vivência nos pensionatos católicos. Adulto, participou na luta pelos direitos das Primeiras Nações. O conto em questão foi enviado por sua família, após seu suicídio, ao pesquisador Maurizio Gatti (2009), autor da coletânea **Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française**. Este foi o único texto de Robert Boucher encontrado até então. Nele, o autor evoca suas lembranças de momentos da sua infância com seu pai e seu avô junto à comunidade autóctone. Também evoca o fato de que, aos 6 anos, foi separado de sua família e levado para o internato. Em seu conto, o personagem principal tem 6 anos, mas não tem nome. Com essa estratégia literária, o autor enfatiza o caráter mais universal da estória contada, já que grande parte das crianças indígenas dessa geração foi vítima desse projeto de assimilação implantado pelo governo canadense.

João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida é indígena Laklano-Xokleng, brasileiro nascido em Santa Catarina. O autor é membro de lideranças indígenas desde sua juventude, e tornou-se professor da escola básica da Terra indígena Ibirama, hoje chamada de Terra Indígena Laklaño. Na coletânea **Vivências e sentimentos do povo Laklaño/Xokleng: o povo filhos do sol** (2017), editada por suas filhas, apresenta cerca de setenta textos seus, majoritariamente poemas. Em seus poemas em prosa, observa-se uma narrativa próxima da oralidade, contada em ritmo poético e ausência de formas métricas muito rígidas. A evocação de lembranças e de vivências do autor

juntamente à sua comunidade ocupam lugar de destaque e também inspirações de trabalhos científicos de diversos pesquisadores das áreas de antropologia e arqueologia.

A diferença entre as narrativas de Christine Sioui, de Boucher e de João Adão, vem do fato que Christine Sioui usou da história dos contatos entre autóctones e alóctones, das tradições e da figura de pássaros, como um contraponto que lhe permitiu o distanciamento necessário para olhar de forma crítica para a sua própria história.

Por outro lado, a figura dos pássaros presente nos textos, pinturas e desenhos de Christine Sioui, também representa todos os povos indígenas das américas. A autora fala da vinda do outro semelhante, identificado como alguém que sabia voar, mas que se desligou daquele modo de convívio e não sabia mais como voar. É, portanto, desse ponto que os três autores compartilham o movimento umbilical de afirmação de alteridade (Dorrico, p. 115, 2017) e reafirmam suas existências enquanto diversos povos indígenas nas américas.

Robert Boucher e João Adão Nunc-Nfoônro optaram por uma forma de distanciamento com personagens, narradores e eu lírico sem nome próprio, com textos que fazem referência a elementos reais, como o espaço (cidade, região), os pensionatos, o museu da Universidade Federal de Santa Catarina e os estudos e o trabalho de campo desenvolvidos pelo Professor Sílvio Coelho dos Santos. É uma literatura escrita de modo autobiográfico, mesclando o eu-nós lírico, cultural, comunitários e político.

Observa-se que os três autores estudados nascidos na década de 1950, pertencem a uma geração que participa ativamente dos movimentos pelos direitos dos povos indígenas e concebem a literatura como um espaço de fala na construção de suas identidades autóctones. Com efeito, os autores indígenas do Brasil e do Québec encontram no campo literário a possibilidade para apresentar uma voz-práxis que é ao mesmo tempo, estética e política

Nos textos analisados observa-se a união do passado e presente, como uma forma de revisitar os encontros diatópicos entre culturas autóctones e alóctones, no decorrer da história, que envolvem noções de territórios diferentes. Os autores Christine Sioui-Wawanoloath, Robert Boucher e João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida também encontraram na literatura uma forma de transmitir seus saberes indígenas às novas gerações, bem como suas vivências enquanto indígenas em uma sociedade plural.

As antologias selecionadas para este trabalho apontam para uma literatura diversa e emergente de autores autóctones ameríndios quebequenses e canadenses. Buscamos analisar essas formas fluidas e vozes plurais na literatura ameríndia contemporânea quebequense (Canadá) e catarinense (Brasil) levando em conta os conceitos de transculturalismo e de territórios fluidos. Há uma vasta produção artística e literária de autoria ameríndia

incontornáveis. com autores e autoras já consolidados e outros novo autores, cujas obras, além de somar às literaturas nacionais com outras formas para repensarmos os cânones literários, incitam a refletir sobre novos paradigmas quanto ao convívio entre diversas culturas, numa perspectiva do indivíduo como parte de um todo, além das fronteiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATIKAMEKWSIPI. La Nation Atikamekw, 1960. <http://www.atikamekwsipi.com/fr/la-nation-atikamekw/fondements/population>. Acessado em: 3 de out. 2019.

BERND, Z.; IMBERT, P. , **Envisager les rencontres transculturelles Brésil-Canada**. Québec: Presses de l'Université Laval, 2015.

BICALHO, P. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BOURGUIGNON, C. **Stratégies romanesques et construction des identités nationales ; essai sur l'imaginaire post-colonial dans quatre fictions de la forêt**. Nuevo mundo mundos nuevos, 13 jul. 2011.

BRASIL. **Lei n. 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Diário Oficial, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/>. Acessado em: 26 de jun. 2019.

BRUCE-MITFORD, M.; WILKINSON, P. **Symboles et signes: origines et interprétations**. Edição. Paris: Larousse, 2009.

BRUNELIÈRE, Jean-François. **La littérature comme outil d'affirmation de l'identité amérindienne: renversements de perspectives dans «Le racisme est nouveau en Amérique» de Georges Sioui (2002)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras-Francês), orientadora: Luciana Wrege Rassier. Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. Disponível em: <http://www.ile.cce.ufsc.br/>. Acesso em: 27 set. 2019.

CANADA. Relations Couronne-Autochtones et Affaires du Nord Canada (RCAANC). **Peuples et communautés autochtones**. Canada: Governo do Canada, 2017. Disponível em: <https://www.canada.ca/fr/relations-couronne-autochtones-affaires-nord.html>. Acesso em: 4 fev. 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO, 2010. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010. Primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: jan. 2020.

CENTRE D'AMITIÉ AUTOCHTONE DE VAL-DOR. <https://www.caavd.ca/>. Acessado em. 26 de set. de 2019.

DARELLA, M. D. [et al.] (Org.). **Consciência Laklãnõ-Xokleng em ação: jeitos de ensinar e aprender na terra indígena Laklãnõ**. 1. ed. Florianópolis, 2018.

DORRICO, J. **Literatura Indígena e seus Intelectuais no Brasil: da autoafirmação e da autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, v.11, n. 23, 2017.

FEMMES AUTOCHTONES DU QUÉBEC INC. Associação fundada em 1974.  
<https://www.faq-qnw.org/>. Acessado em: 26 de set. 2019.

GATTI, M. **Littérature amérindienne du Québec: écrits de langue française**. Ed. Montréal: Bibliothèque Québécoise, 2009.

GALLOIS, D. T. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades. Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 37-41, 2004.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2013. 200 p. ISBN 8571605912

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Convenção no. 169 sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT**. Brasília: OIT, 2011.

KLAUS, P. G. Diane Boudreau, **Histoire de la littérature amérindienne au Québec : oralité et écriture**. Études littéraires, v. 28, n. 2, p. 121–127, 1995.

L'ENCYCLOPÉDIE CANADIENNE. **Hurons-Wendats**. Publicado em 2014, atualizado em 2018. Ver mais detalhes: [https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/hurons\\_](https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/hurons_) Acessado em: 26 de set. 2019.

MUNDURUKU, D.; NEGRO, M. **Parece que foi ontem**. Ed. Global, 16 p., 2006.

NUNFOÔNRO DE ALMEIDA, J. A. **Vivências e sentimento do povo Laklãnô / Xokleng, O Povo Filhos do Sol**. Gráfica e Edit. 3 de Maio Ltda ed. Blumenau, 2017.

OLIVIERI-GODET, R. **Figurations des espaces amérindiens dans les littératures du Brésil et du Québec**. v. 15, n. 2, p.119-145, 2015.

OLIVIERI-GODET, R.; OLIVIERI-GODET, R. **L'altérité amérindienne dans la fiction contemporaine: Brésil, Argentine, Québec**. Québec, Québec: Presses de l'Université Laval, 2015.

PAZ, O. **O arco e a lira: Octavio Paz. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht**. Cosac Naify ed. São Paulo: Fondo de Cultura Económica, 2012.

PELLETIER, C. et al. **Dépasser la violence**. Montréal: Femmes autochtones du Québec = Québec Native Women, 1995.

QUEBEC, Gouv. **Commission de toponymie**. [www.toponymie.gouv.qc.ca](http://www.toponymie.gouv.qc.ca). Acessado em: 3 out. 2019.s

RASSIER, L.; BRUNELIÈRE, J.-F. Diálogos transculturais entre autóctones e alóctones no Canadá: Para Novos Paradigmas. **Pontos de Interrogação — Revista de Crítica Cultural**, v. 8, n. 1, p. 15, 19 jul. 2018.

RASSIER, L. W.; BRUNELIÈRE, J.-F. Dialogues transculturels entre autochtones et allochtones au Canada : vers de nouveaux paradigmes. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 17, n. 2, p. 98, 23 ago. 2017.

SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, S. C. **Índios e brancos no sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Editora Edeme, 1973.

SILVA, S. F. DA; DABIN, S. **Les Droits Linguistiques au Canada**. Revista da ABRALIN, 23 jun. 2019.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Uma outra história, a escrita indígena no Brasil**, s.d. Março de 2006. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/autoria-indigena/uma-outra-historia,-a-escrita-indigena-no-brasil> Acesso em : 13 nov.2019.

TERRES EN VUE, LAND InSIGHTS. Société pour la diffusion de la culture autochtone. Montréal. Fundado em 1990. <http://www.nativelynx.qc.ca>. Acessado em: 26 de set. 2019.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Autêntica, 2012.

UNIVERSIDADE DO QUEBEC, UQÀM. **Laboratoire international de recherche sur l'imaginaire du Nord, de l'hiver et de l'Arctique. Quebec**. <http://www.nord.uqam.ca> . Acessado em: 26 de set. 2019.

VIEIRA, M. L.; WALTER, R. **A territorialidade e a construção da memória e identidade ameríndias. A**. Revista Língua & Literatura, v. 16, n. 26, p. 59-74, 2014.

WAWANOLOATH, C. S. **Terre en Vue. Société pour la diffusion de la culture autochtone**. Montréal. <http://www.nativelynx.qc.ca/arts-visuels/artistes-autochtones/christine-sioui-wawanoloath/> Acessado: 26/09/2019

WEISSMANN, L. **Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade**. Constr. psicopedag., São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org> Acesso em: 17 fev. 2020.

## ANEXO I

### La légende des oiseaux qui ne savaient plus voler

Christine Sioui Wawanoloath

[Extrait]

Au début, les oiseaux verts les avaient laissés faire. Ils avaient même offert aux oiseaux jaunes de les aider. Ils voulurent également leur apprendre à voler car, d'après leurs enseignements, tous les oiseaux étaient égaux et libres et devaient cohabiter en paix. Les oiseaux jaunes ne voulaient pas voler. Tout ce qu'ils voulaient, c'était rapporter le plus de feuilles possible au continent jaune. Lorsqu'ils virent que les oiseaux jaunes venaient de plus en plus nombreux et qu'ils décimaient les arbres, les oiseaux verts comprirent qu'il y avait du danger à les laisser occuper leur continent.

Les oiseaux verts essayèrent de repousser les oiseaux jaunes. Ce fut peine perdue. Les oiseaux jaunes étaient bien trop armés avec leurs filets et leurs esclaves volants. Des milliers d'oiseaux verts moururent aux champs de bataille. D'autres succombèrent aux maladies apportées par les oiseaux jaunes, maladies qu'ils ne pouvaient pas guérir par leurs plantes. À cela s'ajouta la famine quand leurs réserves de vivres étaient saccagées. Un groupe d'oiseaux verts s'enfuit vers le nord, au-delà des montagnes.

Après de longues années, la paix fut rétablie. La défaite des oiseaux verts était complète. Dorénavant, les oiseaux jaunes formaient un groupe bien supérieur en nombre à celui des oiseaux verts. Néanmoins, les oiseaux jaunes leur laissèrent encore la possibilité de vivre plus ou moins comme ils l'avaient toujours fait.

Mais rien n'était plus comme avant pour les oiseaux verts. Au contact des oiseaux jaunes, leur mode de vie avait considérablement changé. Par exemple, les oiseaux jaunes leur avaient envoyé les Jaunes Meilleurs qui étaient les gardiens de la croyance de Jaune Suprême. Les Jaunes Meilleurs étaient chargés d'apprendre aux oiseaux verts qu'il était fou de croire en deux Créateurs. Ils affirmaient que les compagnes devaient se limiter à pondre des œufs en silence. De plus, ils disaient que tous devaient obéir et être soumis au représentant Jaune Brillant, l'empereur qui veillait à leurs besoins et qui déciderait de tout pour eux.

Les oiseaux verts avaient terriblement souffert au cours des interminables guerres contre les oiseaux jaunes. Ils avaient perdu, entre autres, la joie de vivre qui les caractérisait si bien par leurs chants et leurs danses dans le ciel. Les grands sages, mâles et femelles, avaient succombé depuis longtemps aux maladies et surtout, à la peine qu'ils avaient eue de ne pas avoir réussi à garder la paix. Les enseignements des Créateurs avaient plus ou moins péri avec eux. Maintenant, les oiseaux verts s'en souvenaient à peine. Quant aux chants et aux danses, les Jaunes Meilleurs les avaient formellement interdits sous peine de la corde à patte, un châtiment qui avait pour but de retenir un oiseau prisonnier au sol.

La vie des oiseaux verts se limitait donc à faire l'échange de fruits et de feuilles décoratives que convoitaient les oiseaux jaunes. Bientôt, on ne put trouver ces denrées que dans les endroits les plus reculés du continent. Comme les oiseaux verts étaient les seuls à connaître le territoire et comme ils apportaient des fruits et des feuilles décoratives aux oiseaux jaunes, ceux-ci les laissèrent relativement libres de circuler partout.

En échange des marchandises tant convoitées, les oiseaux jaunes donnaient aux oiseaux verts des petites fleurs roses sucrées et séchées que l'on nommait les *karies*. Celles-ci poussaient en abondance sur le continent bleu. Les oiseaux jaunes donnaient aussi aux oiseaux verts de

petites graines noires, le *bribri*, qui poussaient en abondance sur le continent jaune. Une fois avalées, ces petites graines produisaient un effet hilarant. Ceux qui en prenaient se sentaient soudainement très joyeux. Ils en prenaient donc davantage. Cependant, le *bribri* consommé en trop grande quantité produisait l'effet contraire. Les oiseaux devenaient tristes, puis coléreux et soupçonneux. Ils finissaient généralement par se battre entre eux à coups de griffes et de becs. On assistait alors à «la grande volée». Les plumes volaient partout et certains en sortaient très amochés et même handicapés par la perte d'un œil ou d'une aile à jamais brisée.

Les compagnes avaient gardé leur bon sens, mais elles devaient toujours rester au nid pour prendre soin des poussins. Quand elles essayaient de raisonner avec les oiseaux mêlés à propos de leur comportement, ils se moquaient d'elles. Les mâles rappelaient à leurs compagnes qu'elles n'avaient rien à dire et qu'elles devaient se contenter de pondre et de faire le nid. D'ailleurs, les oiseaux jaunes qui s'occupaient de troquer la marchandise ne le faisaient qu'avec les oiseaux verts mâles. Ceux-ci avaient donc le contrôle sur tout. Il était loin le temps où les oiseaux verts, mâles et femelles, vivaient ensemble en harmonie se relayant pour couvrir les œufs et pour aller chercher la nourriture. Désormais, les femelles devaient attendre que le mâle rapporte la nourriture au nid. Elles se consolaient un peu en croquant les *karies* sucrées et, comme elles ne bougeaient pas beaucoup, elles se mirent à engraisser.

Cette période de liberté contrôlée ne devait pas durer pour les oiseaux verts. Le continent jaune devenait surpeuplé et les oiseaux jaunes immigraient massivement vers les continents vert et bleu à la recherche d'espace et de nourriture. Au fur et à mesure qu'ils occupaient un continent, ils apprenaient à se débrouiller et à l'explorer. Bientôt, ils commencèrent à faire eux-mêmes le troc des marchandises. Les oiseaux jaunes n'avaient donc plus besoin des oiseaux verts pour le commerce.

Les oiseaux verts pouvaient toujours voler, mais de moins en moins bien. L'art de la danse et du chant ne se perpétuait plus chez eux depuis longtemps. Cependant, il leur restait toujours la liberté de voler. Mais cela énervait le représentant de Jaune Suprême et les Meilleurs. Ils pensaient que voler était dégradant pour les oiseaux évolués et qu'il fallait réprimer cette pratique chez les oiseaux verts. Ils décidèrent d'inventer une loi spéciale pour eux. Désormais, ils devaient se couper les plumes de vol sous peine de la corde à patte s'ils ne le faisaient pas. Cela leur donnerait, disait la Loi, l'avantage et le privilège d'être égaux aux oiseaux jaunes qui avaient aboli depuis longtemps cette coutume barbare de voler comme des oiseaux primitifs.

De plus, pour assurer leur bien-être et leur sécurité, ils devaient habiter dans un enclos. Dorénavant, seuls les mâles pouvaient en sortir pour rapporter la nourriture qui poussait au ras du sol et seulement sous surveillance. S'ils avaient des surplus, ils pouvaient les échanger librement contre des *karies* et contre des graines de *bribri*. En réalité, les oiseaux jaunes voulaient cacher les oiseaux verts et les enfermer dans des enclos afin que tout le continent leur appartienne.

Les oiseaux verts essayèrent de s'adapter à leur nouvel environnement du mieux qu'ils purent. Mais ils n'étaient pas heureux. En fait, leur seul bonheur était de se faire raconter par les plus âgés de très vieilles histoires qui relataient que leurs ancêtres pouvaient voler dans le ciel. Les oiseaux verts ne croyaient pas que c'était vraiment possible. Après plusieurs générations, ils n'avaient plus besoin de se couper les plumes de vol. Leurs ailes s'étaient atrophiées par un manque général d'exercice. De toute façon, ils ne savaient pas à quoi pouvaient bien servir des ailes. Néanmoins, ils étaient fascinés par ces récits de la liberté qu'auraient eue leurs ancêtres.

(*Dépasser la violence*. Précédé de *La Légende des oiseaux qui ne savaient plus voler*, Montréal, Femmes autochtones du Québec, 1995, p. 13-18)

Fonte : **Littérature amérindienne du Québec: écrits de langue française**. GATTI, M. Ed. Montréal: Bibliothèque québécoise, 2009.

## ANEXO II

### Le Départ

Robert Boucher

Le petit garçon vient d'avoir six ans. Il ne sait pas qu'un événement prochain va changer le cours de sa vie. Probable que ses parents ne le savaient pas non plus. En tout cas, il ne souvient pas qu'on lui ait glissé un mot sur son éventuel départ. Le garçon s'amuse comme si de rien n'était.

Vers la fin de l'été, il reçoit de ses parents des cadeaux inhabituels, qu'il ne s'attendait pas à recevoir du tout. Il s'agit d'une valise de couleur marron et de linge achetés par catalogue.

Finalement, ses parents lui disent qu'il doit partir très loin dans peu de temps. Le jeune garçon ne comprend pas pourquoi il doit partir. Ses parents lui expliquent que c'est pour avoir une bonne éducation., apprendre à parler, écrire et lire le français et beaucoup d'autres choses. L'enfant se souvient vaguement que ses parents lui avaient dit que c'était également le vœu du curé du village. Il n'est pas enthousiasmé plus qu'il ne le faut de devoir partir. Il aurait préféré continuer à jouer dans les bois suivre son père à la pêche...

Il se souvient des excursions de pêche avec son père. Ils ne revenaient jamais bredouilles. Des images reviennent à son esprit. Il se revoit, transporté par son père lorsqu'ils s'étaient aventurés trop loin et que le retour était plutôt pénible. Il arriva même qu'il somnole ainsi transporté.

L'image d'un vieil homme souriant lui revient. Il se souvient des randonnées sur la rivière avec son père et ce vieil homme. Ils allaient, de très bonne heure, récupérer les poissons pris dans les filets tendus auparavant. Le rire des deux hommes, parfois saccadé parfois étouffé, le faisait sourire. Ils revenaient à la maison avec beaucoup de captures. Les prises étaient ensuite distribuées aux familles qui résidaient au même endroit.

La bonne humeur du vieil homme l'a toujours marqué, il semblait heureux. Sa bonne humeur, bien sûr, se répercutait sur les autres membres du clan. Il se souvient aussi d'un autre vieil homme qui était tout le contraire. Il grondait les enfants avec sa grosse voix. Les jeunes en avaient une peur terrible. À cette époque, il semblait immense avec sa moustache poivre et sel toute raide à laquelle était collée en permanence une cigarette à bout uni. Il se rappelle l'avoir déjà entendu rire de bon cœur, mais même son rire faisait peur. Le jeune garçon se souvient d'avoir pleuré délibérément loin de leurs familles. Il y avait un pensionnat à la Tuque, donc plus près de chez nous, avec la même vocation mais destiné aux jeunes Cris. Les jeunes Atikamekw furent dirigés vers Amos en Abitibi ensuite vers Pointe-Bleue au Lac-Saint-Jean. Au début, il n'y avait pas de retour possible avant le mois de juin. Avec le temps, on nous permit de revenir chez nous, d'abord pour les Fêtes ensuite pour Pâques.

(Innuvelle, vol.4, n°11, décembre 2001-janvier 2002, p. 7)

Fonte : **Littérature amérindienne du Québec: écrits de langue française.** GATTI, M. Ed. Montréal: Bibliothèque québécoise, 2009.

## ANEXO III

### O Passado

#### João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida

No dia 24 de setembro, anciãos um ônibus lotaram para visitar o museu, em Florianópolis chegaram.

Levaram jovens e crianças, para antiguidades conhecer foi uma emoção profunda no tempo retroceder.

Uma história de milênios, para os jovens conhecerem, como viviam os Ancestrais, para assim sobreviverem.

Arcos e flechas vistos, com as mãos todos apalpam, também outros utensílios que nossos ancestrais usaram.

Para sobreviver na mata, foi que eles fabricaram, com paus ferros e pedras, armas para eles criaram.

Para caçar e pescar, tirar mel e coletar, usaram vários recursos, para fome não passarem.

Neste dia de setembro, veio na imaginação, lembranças que estavam ocultas, contadas nunca foi não, sabe só quem viveu a história, e os remanescentes que aqui estão.

Do massacre que sofreram, seus corpos caíram no chão, homens mulheres e crianças, sem piedade, ou compaixão, por homens de outro continente para formar esta nação.

Lembrar que não é diferente, nestes dias atuais, continua a matança, só de um modo virtual, hoje a luta pela terra, muitas debatendo estão, para isto usam a internet, radio jornais e televisão.

Tirando dos índios o direito, que está na constituição.

E os verdadeiros donos da terra, morrendo sem direito estão.

(26/09/2015)

### Amargura Tristeza e Saudade

#### João Adão Nunc-Nfoônro de Almeida

Na UFSC em Florianópolis, SILVIO COELHO juntou, um resgate da antiguidade, quem olhou se impactou, ao ver uma relíquia antiga, que o índio primitivo deixou, na Ilha Catarinense, foi que o antropólogo guardou.

Lá tem urnas mortuárias, e pedras nem sei pra que, se era para apontar lanças, os outros artesanatos fazer, havia arcos e flechas e lanças que eles usavam, todos os dias na mata, ou guerras que enfrentavam, para defender a tribo, quando perseguidos estavam.

Não era só na sobrevivência, que eles tinham que pensar, mas defender-se dos inimigos, que queriam lhes matar, para invadir suas terras, para um Estado criar, reviveram toda a história, os anciões que lá estava, lembranças veio á tona amargura, tristeza e saudade.

Lembrar dos sanguinários bugreiros, e a imigração que chegou, com a desbravação da mata, milhões de índios morreram.

Regando com sangue a terra, bem poucos sobreviveram, forçados pequenos Índios, foram morar com Europeus, esta é a real história, como Santa Catarina nasceu.

Fonte: NUNC-NFOÔNRO DE ALMEIDA, J. A. **Vivências e sentimento do povo Laktlãnõ / Xokleng, O Povo Filhos do Sol.** (2017, p. 57-58)